ATELIÊ GEOGRÁFICO ISSN:1982-1956

Novos mapas ou um mundo quebrado – ensaio sobre geo e astropolítica

New Maps or a Broken World – Essay on Geo and Astropolitics

Nuevos mapas o un mundo roto – Ensayo sobre geo y astropolítica

Eguimar Felício Chaveiro
Universidade Federal de Goiás
eguimar@hotmail.com

John Carlos Alves Ribeiro
Instituto Federal de Goiás - Campus Goiânia Oeste (IFG)
john.ribeiro@ifg.edu.br

Ronan Eustáquio Borges
Universidade Federal de Goiás
ronanborges@ufg.br

Resumo: Este ensaio teórico explora os rumos da geopolítica diante das novas dinâmicas no espaço sideral próximo. O texto discute conceitos chave dos estudos geopolíticos e astropolíticos, analisando mudanças políticas, econômicas e militares, assim como disputas comerciais e conflitos. Também considera alternativas emergentes para a transição energética e o avanço tecnológico no contexto do capitalismo globalizado. Destaca o papel de grandes potências como EUA, China, Rússia e Índia nas suas estratégias astropolíticas, e propõe que novos mapas e métodos de análise estão surgindo em um cenário mundial caracterizado por tensões, potenciai rupturas e reorganizações. A abordagem é fundamentada em leituras de geógrafos e especialistas da área, sugerindo caminhos para análises futuras e contribuindo para aprofundar o debate acadêmico sobre o tema.

Palavras-chave: Geopolítica. Astropolítica. Conflitos globais. Hegemonia.

Abstract: This theoretical essay explores the directions of geopolitics in light of new dynamics in near outer space. The text discusses key concepts from geopolitical and astropolitical studies, analyzing political, economic, and military changes, as well as commercial disputes and conflicts. It also considers emerging alternatives for energy transition and technological advancement within the context of globalized capitalism. The essay highlights the role of major powers such as the United States, China, Russia, and India in their astropolitical strategies, and proposes that new maps and analytical methods are emerging in a global scenario characterized by tensions, potential ruptures, and reorganizations. The approach is grounded in readings of geographers and experts in the field, suggesting paths for future analyses and contributing to the deepening of academic debate on the subject.

Keywords: Geopolitics. Astropolitics. Global conflicts. Hegemony.

Resumen: Este ensayo teórico explora los rumbos de la geopolítica ante las nuevas dinámicas que se desarrollan en el espacio exterior cercano. El texto aborda conceptos clave de los estudios geopolíticos y astropolíticos, analizando las transformaciones políticas, económicas y militares, así como las disputas comerciales y los conflictos. También considera alternativas emergentes para la transición energética y el avance tecnológico en el contexto del capitalismo globalizado. Destaca el papel de grandes potencias como Estados Unidos, China, Rusia e India en sus estrategias astropolíticas, y propone que están surgiendo nuevos mapas y métodos de análisis en un escenario global caracterizado por tensiones, posibles rupturas y reorganizaciones. El enfoque se basa en lecturas de geógrafos y expertos en la materia, sugiriendo caminos para futuros análisis y contribuyendo a la profundización del debate académico sobre el tema.

Palabras clave: Geopolítica. Astropolítica. Conflictos globales. Hegemonía.

Introdução

A palavra "Geopolítica", usual, acadêmica, jornalística e especializada, possui duas acepções: diz respeito às estratégias de domínio encetadas por países que, num contexto do mundo, agem para ter hegemonia política e econômica; refere-se a um campo de estudo que ganhou força a partir do século XIX e, na atualidade, ganha plausibilidade em matérias de jornais, mesas de debates de TVs, *podcast* e outros veículos que reconhecem a importância de se debater o campo do poder na esfera de países, empresas e corporações.

Pode-se dizer que a geopolítica caminha de mãos dadas com a economia e o inverso é também verdadeiro. As disputas enfeixadas por países ou blocos de poder por território são fruto dos interesses por recursos naturais, por mercados, por expansão dos limites e da intensidade das ações que expressam o poder de uma nação ou economia sobre outras.

Nações são constituídas por povos e suas histórias. Dizem respeito a pessoas, coletividades e interações humanas, nas mais variadas esferas da vida, dimensões do existir, bem como em escalas de atuação de diferentes sujeitos/atores sociais. Estados-nações, conforme o tratamento conceitual trabalhado na tradição de ciências das humanidades, referem-se ao limite político de um país.

Quando se diz que desde a formação dos estados-nações a geopolítica se tornou sua essência, pode-se dizer também que as economias não falam apenas de números, índices, taxas de lucratividade/margens de lucro, garantias de superávit, mecanismos vários de exploração de recursos naturais. Têm a ver também com a disputa política entre países (Carneiro Filho; Rückert, 2010, p. 3).

No meio de tudo isso tem a figura do Estado, regulador, mediador e condicionador do que se fizer necessário. E com a desculpa de seguir seu próprio desenvolvimento, sob o modo de produção capitalista e todas as suas contradições, nações e povos desaparecem e são colocados apenas como economias, maquiagem que cumpre várias funções, tais como garantir a alienação e a subsunção do trabalho ao capital, de acordo com o papel de cada Nação, Estado ou Economia no tabuleiro internacional da geopolítica.

Partir da premissa de que as ações da geopolítica são ferramentas da economia nos permite avançar rumo ao mote deste texto: novos mapas ou um mundo quebrado. Segundo Harvey (2005, p. 140), os conflitos geopolíticos são apontados como parte dos processos de formação e de solução das crises recorrentes do capitalismo, que são contradições elementares de seu funcionamento. Sendo assim, cada peça mexida no tabuleiro e agora até acima dele impacta o quebra-cabeça dos territórios oficiais.

Vale destacar que, hoje, os jogos de poder se dão tridimensionalmente. À base geobiofísica em que se davam as movimentações da geopolítica clássica seguindo o modelo Mahan/Mackinder (terra e mar) acrescenta-se a atual movimentação no espaço sideral próximo, como uma nova corrida aeroespacial. E esse conjunto de movimentações reverbera ainda nos territórios econômicos (das ações de corporações e grupos de investimentos), nos territórios simbólicos (reconhecidos ou não entre as outras nações) e nas territorialidades resultantes do tensionamento entre poderes autônomos e heterônomos (Souza, 2015, 2019).

Ao que nos parece, a ideia de novas geopolíticas enunciadas por Vesentini (2012) se complexifica, pois a guerra volta a ser pano de fundo. Quase se pode dizer que as sociedades modernas não sobrevivem sem guerras. Daí, que os departamentos de guerra, a corrida armamentista, a inovação tecnológica, a invenção de armas inteligentes, aviões e mísseis são realidades que acompanham a trajetória histórica da luta por hegemonia geopolítica.

Analisar tudo isso exige atenção. Primeiramente porque falar de novos mapas geopolíticos pode nos levar a pensar sobre novas formas de mapeamento, que têm, na tecnologia de sensoriamento remoto e de mapeamento via satélites, ferramentas já bem estabelecidas como algo elementar. Mas pode nos levar a pensar também na reformulação de mapas já existentes, como uma possível reconfiguração de mapas regionais, continentais e até mesmo do mapa-múndi, com o surgimento de novos Estado-nações ou a reincorporações de territórios hoje considerados autônomos, caso das tensões China/Taiwan.

Essas possibilidades nos levaram a pensar num estudo que desse conta dos novos rumos da geopolítica, assim como a retomada, com toda força, da astropolítica como tema urgente do mundo. Por meio da revisão bibliográfica e da análise das ações de grandes potências econômicas, militares e tecnológicas como EUA, Rússia, China e Índia, e também do papel do Brasil no xadrez da geopolítica contemporânea, buscamos interpretar criticamente o andamento atual da partida.

Colocamos em pauta, por exemplo, os interesses por minerais críticos/estratégicos, as movimentações em torno da virada ou transição energética, o papel das *big techs* como motor do capitalismo e maior demandante atual de energia elétrica e minérios, os conflitos globais por território e as tensões comerciais.

Este estudo se justifica, portanto, pelo aumento das preocupações quanto aos riscos de novos conflitos de proporções globais. Já se vê e se ouve em telejornais ou canais de notícias da internet análises em torno de uma Guerra Fria 2.0 ou de uma possível escalada rumo à Terceira Guerra Mundial. Exatamente por isso, partimos do entendimento de que análises apressadas não contribuem para a compreensão e o enfrentamento real da situação.

Entendemos também que algumas questões fundamentais se impõem, tais como: em que medida estamos realmente em um novo momento da geopolítica? Quais os índices que apontam para a configuração de uma Guerra Fria 2.0? Qual a atual relação entre Estados e iniciativa privada, especialmente dos setores de desenvolvimento tecnológico, e que papel essa relação tem com o contexto da geopolítica contemporânea?

Essas são algumas das questões que nortearam este estudo e que motivaram uma busca de leitura crítica, por meio de revisão narrativa de literatura, perscrutando, entre autores consagrados da geopolítica, da geografia e da astropolítica, livros e artigos que contribuam para a atualização desse debate. Além disso, esquadrinhamos também em notícias de jornais e *sites* oficiais dados e índices que nos permitam contribuir com a elucidação das movimentações mais recentes da geopolítica mundo afora.

A geopolítica atual: novos mapas

Partimos do pressuposto de que se faz necessário jogar luz sobre os novos mapas que têm surgido, ou as novas formas de mapeamento, bem como as novas fraturas da economia e da política global, com o que pretendemos contribuir por meio de uma análise crítica radical (no sentido marxiano de visar à raiz da questão, de tentar desvelar aquilo que está escondido) das movimentações geopolíticas atuais.

Assim, temos acordo com Harvey (2011, p. 120), quando diz que

> os processos de acumulação do capital não existem, obviamente, fora dos respectivos contextos geográficos e essas configurações são por natureza bastante diversificada. Mas os capitalistas e seus agentes também têm um papel ativo e fundamental na alteração dessas configurações. Novos espaços e relações espaciais estão sendo produzidas constantemente.

Harvey cita os investimentos globais em infraestrutura (redes de transportes e comunicação e seus impactos no campo e na cidade), que têm papel ativo na aproximação do Estado e da iniciativa privada, e que, como destacaremos, passa diretamente pelas ações e movimentações atuais da geopolítica. Porém, partimos da ideia de que o mesmo pode ser dito de processos sociais, culturais e, ainda, psíquicos.

Partimos do entendimento de que aqui se aproximam as teses de Bucci (2021, p. 21) sobre o capitalismo como fabricante/mercado de signos, mecanismo base do que chama de extrativismo do olhar; do capitalismo da emoção de Han (2018, p. 69), para o qual "o regime neoliberal emprega as emoções como recursos para alcançar mais produtividade e desempenho"; e do capitalismo de vigilância de Zuboff (2021, p. 22), pelo qual o capitalista "reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais". Tudo isso no cenário em que, ainda em Bucci (2021, p. 19), "as 'gigantes da internet' concentram mais poder de comunicação e mais controle sobre o fluxo da informação que a imensa maioria dos Estados nacionais".

E onde esses novos mecanismos de exploração e acumulação capitalistas se encontram com a geopolítica e mesmo com a astropolítica? Essa é a questão de fundo que moverá a tecitura aqui proposta. É a linha de chegada que pretendemos alcançar com as etapas a seguir. Primeiramente tratando das premissas de uma leitura da geopolítica atual, dela apresentando questões do mundo, consecutivas de mais premissas e categorias.

Em um segundo momento, atacando de maneira direta a correlação entre as novas tecnologias, a transição energética e os conflitos pelo mundo. Daí a proposição de novos mapas ou um mundo quebrado. Nesse tópico, avançamos ainda no debate sobre as novas fronteiras do capitalismo e a consolidação da era da astropolítica, como continuidade da corrida aeroespacial após a Segunda Guerra Mundial.

Por fim, pretendemos deixar alguma contribuição para outros estudos de geopolítica e para a compreensão das muitas tensões que sustentam a vida sob o capitalismo contemporâneo.

Pois bem! Vamos por partes.

Sobre os componentes para novos mapas

A maioria dos estudos de geopolítica contemporânea olha o mundo e afirma que está havendo, agora, a disjunção do mapa dos poderes mundiais. A palavra pode ser outra: está mudando o centro hegemônico do mundo. O centro não é apenas o Ocidente, especificamente os EUA – Estados Unidos da América – e a Europa ocidental. A China aparece quebrando o mapa anterior e prometendo recolocar, na gramática organizativa da geopolítica contemporânea, um novo poder com força econômica, tecnológica e cultural. Alguns autores dizem isto: o poder da China é uma ameaça à hegemonia dos EUA; outros falam que está surgindo um novo império condizente com uma sociedade de alcance global.

O BRICS (2009) da primeira geração, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e, depois, África do Sul, a partir da promessa de cooperação tecnológica, política e econômica, se coloca contra a dependência das economias desenvolvidas. O Japão perde força, assim como a Europa. A exuberância demográfica de Índia e China, considerando o mercado interno, passa a ser um ingrediente exultante.

É esse quadro que desafia o prisma teórico da geopolítica. A América do Sul se acotovela ideologicamente com tendências de governos de esquerda de estabelecerem relações comerciais e cooperativas com a China, como é o caso do Brasil, e de governos de direita que tendem a manter relações com os EUA, como é o caso da Argentina.

Questões do mundo

O geógrafo David Harvey, um dos intelectuais mais atentos ao que se passa no mundo, em uma das últimas vezes em que esteve no Brasil, cedeu uma entrevista à revista *Desafios do Desenvolvimento*, organizada e publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em maio de 2012. Harvey se juntou a outros intelectuais na defesa de que há, hoje, uma crise mundial.

Em certa parte da entrevista, diz:

> Em certos países da Europa, as pessoas perderam a esperança na política. Junto com a frustração com o neoliberalismo, surge uma frustração com os partidos trabalhistas e com os partidos social-democratas. A maior parte do eleitorado nem mesmo vota. Com isso a direita ganha por *default*.

Em outra parte, ao apontar a China como uma das legendas principais do atual período, afirma:

> A China consumiu, nos três últimos anos, metade da oferta de aço no mundo. Situação semelhante ocorre com ferro, cobre, soja e maquinaria sofisticada. Todos os países que estreitaram relações comerciais com a China superaram os efeitos da crise rapidamente.

Esse ponto – a dependência da economia de vários países da China – se soma a outro protuberante: está em voga, o que para alguns estudiosos da geopolítica contemporânea é o desenho do mundo. Esse desenho pode ser denominado de **nova guerra fria**. Harvey, postado em sua concepção teórica, reconhece que há várias questões geopolíticas que permeiam o mundo atual, como a crise dos refugiados; os conflitos armados; os desastres e os crimes ambientais; as tensões re-

gionais no Oriente Médio; a transição energética; a fragilidade das organizações mundiais, como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a OMC (Organização Mundial do Comércio); a ascensão do populismo com agendas nacionalistas e conservadoras; a cibersegurança; o conflito Israel-Palestina; a guerra da Síria; o conflito da Ucrânia, que coloca em disputa territorial a Rússia e a Ucrânia com implicações da Europa e dos EUA – e outras tantas.

Entretanto, Harvey (2012) sintetiza todas as questões e todos os problemas numa única. Para o autor,

> as grandes questões que restam por serem resolvidas: desigualdade social global e degradação ambiental. Se você se perguntar o que essas políticas em curso realmente resolvem, a resposta é que elas solucionam a situação de uma casta capitalista, cada vez mais minoritária, que acumula grandes riquezas à custa dos demais.

Em vista da posição de Harvey, poder-se-ia dizer que o centro da geopolítica contemporânea reside nesse termo: **conflitos globais**. Ao esmiuçar o termo, convém entender que **todos os conflitos**, mesmo que localizados numa região, num país ou num lugar específico, possuem ressonância na estrutura de uma sociedade global.

Não é à toa que Harvey (2012) explica em seguida:

> Eu passei a trabalhar com o conceito "novo imperialismo" como uma resposta aos neoconservadores, que defendem a ideia do "novo século americano", que ancorava a agenda do governo Busch. Eu não acho que o termo *imperialismo* seja muito adequado, eu prefiro HEGEMONIAS, prefiro tratar de HEGEMONIAS E CONTRA-HEGEMONIAS no cenário internacional. Nós podemos dizer, por exemplo, que o Brasil tem uma posição hegemônica na América Latina. Os EUA e a China exercem hegemonia mundial, a Alemanha tem uma posição hegemônica na economia europeia. Estabelece-se um equilíbrio de forças entre hegemonias que enfrentam, sem que, obrigatoriamente, exista um centro que domina todo o resto. Isso implica dizer que os países podem se reposicionar, para não serem atingidos diretamente pela crise. Brasil e Argentina, por exemplo, se reposicionaram, associando-se mais à China.

Ao observar o novo desenho geopolítico do mundo, concordando ou discordando de Harvey, o que está posto esclarece o centro dos estudos do campo. Ao falar em geopolítica, dois ingredientes essenciais são logo suscitados: os estados-nações e o território, como também já nos apontavam Carneiro Filho e Rückert (2010).

Premissas e categorias

Ao basear-se em dados, informações e produção acadêmica, rapidamente se descobre que a geopolítica é uma invenção moderna. Somente a sociedade moderna colocou como pauta central elementos como a soberania dos países, o resguardo e a proteção de fronteiras, a necessidade de se armarem ou a necessidade de expandir, invadir, controlar territórios de outrem.

Embora a palavra seja recente no plano histórico e tenha ganhado espaço público na idade moderna, as premissas e categorias, bem como as prerrogativas e justificativas que sustentam a sua existência, baseiam-se em algo que atravessou todas as épocas históricas: o poder.

Mas o poder nunca anda só. Ele mobiliza discursos, corpos, lugares, forças, gestos, armas, saberes. E mais: pode dizer que antes da era moderna havia estratégias de poder que faziam grupos se organizarem para dominar a terra, criando um **território**, mas não na forma dos estados-nações.

Daí que os dois termos – poder e terra – enlaçam outros como fronteiras, pertencimento, administração, gestão, controle, estratégia, cooptação, força, domínio, subjugação, expansão. Alguns autores vão dizer que, diante dessas configurações, uma contradição inquieta o plano geopolítico de qualquer poder e domínio. O estado-nação, organização territorial que justifica a existência da geopolítica, possui fronteiras, verte-se a si mesmo, se qualifica por possuir uma constituição, um povo e uma língua, elementos que lhe garantem identidade, mas a sociedade em que se situa tende ao mundo, como é o comércio internacional, a moeda, o idioma dominante, os interesses da indústria e das corporações.

Aliás, todo poder se inclina a um território em várias escalas. Assim é o pai machista que quer dominar com força a sua casa; o latifundiário que usa os mecanismos de coerção e de violência para ter domínio de sua propriedade; o prefeito municipal que coíbe as greves dos funcionários da limpeza, até chegar ao executivo da nação. Quando Foucault (1979) diz que o poder quer poder e quem perde poder perde a si próprio, demonstra que é daí que ocorre o grito de gente que, subordinada pela raça e pela etnia, ou pelo gênero e pela classe social, age para congraçar iguais e pares para saírem do esquema que os subordina. Por isso, o poder é inquieto e devasso, geralmente tem boca doce e coração apimentado. Nunca se estabiliza e nunca se contenta.

Convém esclarecer que há duas formas de estado: o estado-nação, vinculado ao poder territorial; e o estado como ente político, vinculado aos poderes que regem o estado-nação. E existe ainda o governo, isto é, a dimensão física do poder. Se o estado-nação é reconhecido no escopo do território, o estado político é reconhecido no sistema de poder que envolve a organização do Executivo, Legislativo e Judiciário. O governo é reconhecido pelos sujeitos que gerenciam ambos: o Estado-nação e o Estado político.

Novos mapas, mapeamentos e as novas fronteiras – rumo à era da astropolítica

De posse dessas premissas e categorias, convém inicialmente mencionar os novos mecanismos de mapeamento, da importância dos *big datas* e das redes de satélites para o funcionamento da economia global. Hoje se mapeia mais do que solo, água, obstáculos físicos para a realização de guerras, vantagens estratégicas e pontos fracos de possíveis adversários. Não que não seja mais feito. Ao contrário, ainda é fundamental. Prova disso está na continuidade da Guerra da Ucrânia que, segundo Marshall (2018), tem sua razão de ser no receio russo quanto à facilidade de acesso a seus territórios a oeste. A existência de vastas planícies na região, somada à mobilização da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) entre vizinhos russos é vista pelo autor como um dos ingredientes que fizeram o caldo entornar.

Já Azevedo e Carneiro Filho (2022) destacam outras razões além destas. Apontam, por exemplo, para a guerra híbrida encampada pelos EUA, com o uso de *fake news* e o apoio ao golpe de estado sobre o governo pró-Rússia. Dessa maneira, os EUA tiveram influência na tomada de decisão de Moscou quanto à invasão da Ucrânia ao movimentar peças no tabuleiro geopolítico, incluindo o incentivo à entrada na Otan por parte de vizinhos russos.

Outro ingrediente desse conflito que suscita novos mapeamentos é a presença em território ucraniano de minerais de terras-raras, essenciais na transição energética em curso. Como esclarecem Stacciarini e Gonçalves (2025), esse é um novo e importante componente da geopolítica. O interesse estadunidense foi exposto na reunião de 28 de fevereiro desse ano, na Casa Branca, na qual o Presidente americano Donald Trump constrangeu o colega Chefe de Estado ucraniano Volodymyr Zelensky. Após o episódio, o acordo de exploração foi assinado em 30 de abril, segundo reportagem do G1 de mesma data.

Todavia, hoje, mais do que esse tipo de mapeamento, mapeiam-se também os mercados, a mente humana, vasculham-se os desejos. O extrativismo do olhar esmiuçado por Eugênio Bucci (2021) é fruto da algoritmização da vida que alimenta com dados a atuação de grandes empresas no mercado global. Quem dá sustentação a elas? Outras empresas também gigantes, as *big techs*. Seus sistemas de armazenamento de dados, de treinamento de inteligências artificiais e vendas desses dados compõem a razão de ser de outros mapeamentos importantes, tais como os outros dois mencionados há pouco.

Boa parte das movimentações atuais no tabuleiro da geopolítica tem a ver com a manutenção do capitalismo global: a transição energética, os novos arranjos de mapeamento de mercados e de captura de desejos. As armas criadoras de subjetividades, bem como as esmagadoras de identidades, compõem o mesmo cenário. Enquanto se buscam alternativas ao consumo excessivo e nocivo de petróleo, sem abrir mão desse recurso, mas buscando variar as fontes energéticas com alternativas menos agressivas ao ambiente, criam-se novos problemas, novas demandas.

Para os carros elétricos, que invadem o mercado mundo afora, temos a barreira do aumento da geração de energia elétrica. As fontes naturais, variadas, diversas, são também restritas ou limitadas. A geotermia possui seus problemas, a maremotriz idem, a energia eólica, a solar... Todas precisam de ajustes tecnológicos para se tornarem mais viáveis economicamente e se consolidarem como alternativas. Nesse caso ainda há o problema das baterias, que pressionam as cadeias de exploração mineral para dar conta de tanto lítio – houve aumento de demanda de cerca de 900% entre 2017 e 2024, segundo reportagem da *Exame* – (Brumer, 2024).

Isso mexe com o globo. Surgem assim outros novos mapeamentos. No Chile, de acordo com Aravena, Iriarte e Espinoza (2024), as pressões por aumento da exploração do lítio potencializam questões ambientais e socioculturais, gerando, inclusive, gentrificação climática. No Oriente Médio segue o genocídio em Gaza, perpetrado por Israel, cumprindo seu papel de garantidor dos interesses estadunidenses na região. O Irã, contraparte no conflito, segue se colocando como obstáculo. Os russos e chineses lhe fornecendo armas, mandando alimentos para a Faixa de Gaza e se colocando cada vez de forma menos neutra no conflito.

Além disso, os mapas de circulação de mercadorias globais, esses sempre voláteis e sujeitos a mudanças, têm se transformado como nunca. Graças à condução do governo estadunidense pelo que alguns têm convencionado chamar de teoria do louco, os EUA vêm forçando a barra com parceiros comerciais. Alguns têm cedido, caso de aliados europeus, Japão e Canadá. Outros têm resistido, casos de China, Brasil, México. Quem parece se beneficiar nesse cenário, ao menos a curto prazo, é o bloco conhecido como BRICS.

Ao mesmo tempo, essa movimentação impulsiona ainda mais o trabalho das *big techs* e de suas IAs e algoritmos na manutenção de mercados e de consumo. Suas interferências na política, já destacadas tanto por Han (2022) quanto por Levitsky e Ziblatt (2018), são também fundamentais para insuflar a opinião pública e garantir apoio para ações e para aliados.

Hoje, temos ainda um terceiro tipo de novos mapeamentos, que se interconectam com os anteriores: mapeiam-se recursos no espaço sideral. Para alguns, estamos vivendo uma "Guerra Fria 2.0", como dizem Barreiros e Grass (2022), ou uma nova corrida aeroespacial, com ares de corrida armamentista sob nova roupagem, conforme Asl (2024) e Piella (2025).

Esse novo mapeamento tem sentido quando se percebem ameaças às fontes de recursos estratégicos mundo afora. Ou quando tais recursos, mesmo que não estejam esgotados, encontram-se concentrados nas mãos de adversários políticos, econômicos e militares históricos. Esse é o caso, por exemplo, da busca por alternativas para transição energética. Segundo dados do último Relatório do Serviço Geológico dos Estados Unidos (United States, 2025), dos seis países com maiores reservas de minerais de terras raras, quatro são do BRICS (os três primeiros são China, Brasil e Índia, e o quinto, que é a Rússia)[1]. Isso mexe com os ânimos estadunidenses.

Enquanto vários países lutam para consolidar postos de exploração de minerais críticos: terras raras, lítio, cobalto, cobre, grafite, nióbio etc. outros começam a mirar a exploração em solo lunar ou a exploração mineral em meteoritos no espaço. Essas empreitadas ainda dependem de avanços tecnológicos importantes para se tornarem viáveis economicamente. Todavia, já é possível ver as peças se movendo no tabuleiro. A China já pousou duas vezes na Lua e possui programas avançados para viabilização de uma economia lunar. Os EUA, por sua vez, buscam alternativas, como as missões Artemis, com foco em um retorno ao solo lunar, com intuito de exploração comercial.

No entanto, toda essa sanha por posicionamento, resultando em um novo mapeamento de zonas antes não tão esperadas, como a Lua e os cinturões de asteroides que separam Marte e Júpiter, pode estar nos levando a mais tensões geopolíticas. A astropolítica é, para Piella (2025) ou para Asl (2024), o retorno da tensão no espaço exterior próximo à Terra. Disputas comerciais, ameaças ao aparato tecnológico de comunicação e militar (sistemas de satélites) e busca por novos avanços científicos compõem esse novo momento.

1 Informação corroborada pela reportagem de Amboni (2025), divulgada na revista SóCientífica.

Guillem Piella (2025), doutor em segurança internacional, aponta que o espaço tem se consolidado como o quarto domínio de guerra. Já Seyedmohammad Asl (2024) aponta que este espaço "pode se tornar um campo de batalha da mesma forma que o Novo Mundo se tornou um campo de batalha para as nações europeias". Essas análises nos alertam para um risco ligado ao mote central deste texto. Os interesses geopolíticos, ao se projetarem no espaço sideral como nova fronteira de expansão da exploração econômica capitalista, buscando manter, talvez, formas de algo que Harvey (2004) considera elementar para o funcionamento do capitalismo, a espoliação ou despossessão, estão ampliando as tensões quanto às possibilidades de conflitos em larga escala.

Aqui, faz sentido dialogar com a releitura de Colbert (2018) da obra de Everet Dolman, *Astropolitik – Classical Geopolitics in the Space Age*. Para ela, o autor faz uma reinterpretação de Makinder e Mahan quanto ao avanço dos interesses nos mares e terras, agora voltando-se para os interesses no espaço. Esse processo tem gerado fragmentações diversas. Parcerias comerciais sendo desfeitas e refeitas com outros parceiros. Distanciamentos e reaproximações. Imposição. Chantagem. Bravatas. Ameaças diretas ou veladas. Um verdadeiro vale-tudo geopolítico e geoeconômico. E o resultado – um mundo quebrado.

Todavia, o que não pode nos escapar é que tais disputas comerciais, tecnológicas e militares têm nos colocado diante de cenários outros: se para alguns podemos estar em uma Guerra Fria 2.0, ou se para outros há uma ameaça de um terceiro conflito armado de proporções globais. Para todos restam o receio e os impactos no cotidiano após cada peça movimentada no tabuleiro da geopolítica, bem como nos mostra Marshall (2025), em *O futuro da geografia*, ao tratar de como o poder e a política no espaço têm transformado o mundo.

Marshall (2025) delineia com base em dados oficiais as ações geopolíticas voltadas ao espaço. Retoma os passos dados por EUA e URSS durante a corrida aeroespacial na Guerra Fria e nos coloca de maneira translúcida diante dos novos fatos. Discute cada ação das atuais potências aeroespaciais (as de primeiro escalão ou as secundárias), seja via iniciativas estatais ou em parceria com a iniciativa privada. Nos mostra, em resumo, que o jogo está movimentado, com os EUA ainda liderando e abrindo cada vez mais espaço para o capital privado, a Rússia em

decadência, mas lutando para se manter de pé, a China avançando rapidamente, a Índia correndo por fora, o Japão não querendo se afastar muito do páreo e as nações europeias (França, Itália, Alemanha e Reino Unido) se movendo.

Cada ação ou fala soa como ameaça e surge uma trinca a mais no mapa-múndi. Ações militares, alegadamente para defesa, preocupam a todos. As ações comerciais são vistas como parte de uma nova corrida do ouro. Quem chegar primeiro leva tudo. E isso se desdobra em mais tensões e serve de pano de fundo para muitos dos conflitos em andamento, como a guerra comercial EUA x China. Ademais, determina também o engajamento de cada uma dessas potências em outros conflitos pelo mundo.

Em razão disso, entende-se que desde que Gramsci (2001, 2007) propôs os conceitos de bloco histórico e hegemonia, nos Cadernos do Cárcere 12 e 13, jamais foi tão necessário conhecê-los e empregá-los. Nossas análises precisam dar conta das mudanças em curso. Entender quando começaram e para onde podem nos levar.

Embora saibamos que ler o presente é sempre mais difícil, partimos do entendimento de que cabe o esforço por enxergar os índices corretos, que nos permitam sínteses coerentes e que possam contribuir com outros intelectuais na tarefa de contrapor as teses que negam a realidade ou que apenas a ignoram. Que possamos, assim, visualizar de maneira cada vez mais clara as mudanças no cenário geopolítico. E que o façamos entendendo as ações hegemônicas e contra-hegemônicas, acompanhando tanto a visão de Harvey (2012) quanto a de Gramsci (2001, 2007), para construir análises potencialmente transformadoras.

Considerações finais

A chamada geopolítica real conta hoje com um rico aparato, como os chamados ministérios da segurança; com o manejo das fronteiras; com os acordos entre blocos; com a negociação do comércio internacional; com a proteção dos componentes naturais; com as bases espaciais; com a luta para poderem ter um lugar no céu; com a fabricação de aviões de guerra e de armas ou com a sua importação.

Nessa escalada, tem-se a política imigratória ou a chancela para as grandes corporações, como as *big techs* ou os impérios agroalimentares, terem livre acesso comercial em qualquer país. Especialmente no pós-guerra, as grandes empresas e corporações usam dispositivos jurídicos que lhes permitam atuar nos territórios nacionais. Crescem também estratégias de controle da informação e de produção ideológica.

É comum na geopolítica do mundo contemporâneo haver a inclusão da chamada diplomacia, juntando-se às relações internacionais. Fóruns mundiais, conferências de clima, tratados envolvendo fronteiras e metais críticos são colocados nas pautas. Esses fóruns visam solucionar problemas relativos à fome, às guerras, às mudanças climáticas, à habitação, ao aborto; ou relativos às doenças como a Aids, o uso comum do espaço sideral...

Terroristas de um lado; saqueadores de minérios, de outro. Fazedores de guerra e devoradores de deuses raivosos... enormes reuniões em mesas ovaladas, paletós e gravatas... tapinhas nas costas, enormes discursos... mísseis, logística espacial, naves, informações secretas, bloqueios, tarifaços. A geopolítica real cuida das estratégias de poder que, ao fim e ao cabo, tentam conduzir determinados países na ordem pela hegemonia da sociedade moderna, essa mesma sociedade que criou, a partir do século XVIII, a ordem territorial que ainda vigora: os países ou estados-nações.

Essa geopolítica real abre a página para que se possa dizer: no silêncio dos palácios ou nos túneis dos poderes em segredo, quem domina tenta ler as estratégias de quem os provoca e os desafia. A geopolítica demonstra que os poderes que controlam o mundo não são uma brincadeira de criança. A bala está aí, como estão os discursos, os satélites, as viagens à Lua e a outros planetas; e a prospecção de água de aquíferos e de minérios no subsolo, como bem nos apresenta Marshall (2025). Isso é o que foi visto neste texto a partir de novas disputas em caráter global, incluindo a força econômica dos EUA, da China e da Rússia e com a aparição do BRICS.

Podemos então sintetizar que a geopolítica real desenha os poderes do mundo em contínua movimentação e fabrica as estratégias para a conquista de poder num mundo que só sabe existir em conflito. Isso se altera no tempo. No final do século XIX, a questão central era anexar novos territórios; no começo do século XX, impôs-se a luta por exportação de mercadorias e saques de riqueza natural; depois veio o petróleo, agora existem a tecnologia de comunicação, o clima, o espaço sideral. Tudo isso imbricando os interesses geopolíticos aos econômicos, o que cria um espectro de conflitos mundiais.

Referências

AMBONI, Ellison. Os 6 países com as maiores reservas de terras raras do mundo. **SóCiencitífica**. Ago. 2025. Disponível em: https://socientifica.com.br/os-6-paises-com-as-maiores-reservas-de-terras-raras-do-mundo/. Acesso em: 29 ago. 2025.

ARAVENA, Hugo Romero; IRIARTE, Marcela Robles; ESPINOZA, Pablo Sarricole. Geografía física crítica del extractivismo y la gentrificación climática em Chile. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 46, e87699, 2024. Disponível em: DOI:10.12957/geouerj.2024.87699.

ASL, Seyedmohammad Seyedi. Astropolítica e a nova área de rivalidade geopolítica entre EUA e China. **AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**. v. 13, n. 26, jul./dez. 2024. p. 56-77.

AZEVEDO, Anna Leticia Gomes de; CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira. A geopolítica por trás do conflito da Ucrânia: a ocupação russa e os interesses dos Estados Unidos na Europa. **Élisée – Revista de Geografia da UEG**, v. 11, p. e112223, 2022.

BARREIROS, Daniel; GRASS, Pável Lavrenthiv. Interpretações e argumentos acerca da chamada "Guerra Fria 2.0". **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 11, n. 22, 2022. p. 58-82. DOI: 10.30612/rmufgd.v11i22.14884.

BRUMER, Wilson. Qual é o estado atual da oferta de lítio no Brasil e no mundo? **Revista Exame**, set. 2024. Disponível em: https://exame.com/esg/qual-e-o-estado-atual-da-oferta-de-litio-no-brasil-e-no-mundo/. Acesso em: 29 ago. 2025.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira; RUCKERT, Aldomar. Geopolítica, Estado e Território. **Revista GeoPantanal** (UFMS), v. 8, p. 7-24, 2010.

COLBERT, Caroline Rocha Travassos. Um diálogo teórico entre a Astropolítica de Everett Dolman e a Geopolítica Clássica de Mahan e Mackinder. **Revista de Geopolítica**, v. 9, n. 2, p. 66-77, jul./dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

G1. O que são as 'terras raras', áreas com minerais cobiçados e alvo de um acordo entre EUA e Ucrânia. Recursos como titânio, urânio e lítio são considerados estratégicos por potências globais. G1. Rio de Janeiro, 30 abr. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/30/o-que-sao-terras-raras-minerais-cobicados-pelos-eua-e-agora-alvo-de-um-acordo-entre-eua-e-ucrania.ghtml. Acesso em: 14 out. 2025.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12. **In**: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 13. **In**: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte-MG: Âyiné, 2018.

HARVEY, David. A geopolítica do capitalismo. **In**: HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Até agora, o combate à crise resolveu a situação de uma minoria, que acumula grandes riquezas à custa da maioria. [Entrevista cedida a Artur Araújo]. **Desafios do desenvolvimento**, [Brasília], ano 9, Edição 71, 8 maio 2012. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2720:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 14 out. 2025.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARSHALL, Tim. **O futuro da geografia**: como o poder e a política no espaço transformarão o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

PIELLA, Guillem Colom. Astropolítica y dilemas de seguridad. La lucha por el dominio espacial. **Revista de Aeronáutica y Astronáutica**, mayo 2025.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, M. L. de. **Ambientes e territórios**: uma introdução à ecologia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

STACCIARINI, João Henrique; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis. Geopolítica, minerais críticos e energia: a infraestrutura invisível que alimenta a IA. Demanda mundial de minérios tornou-se um dos pilares da luta por supremacia global entre EUA e China. **Jornal da UFG**,

Goiânia, 28 jul. 2025. Disponível em: https://jornal.ufg.br/n/193222-geopolitica-minerais-criticos-e-energia-a-infraestrutura-invisivel-que-alimenta-a-ia. Acesso em: 16 out. 2025.

ZUBOF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na fronteira do poder. [livro digital] Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

UNITED STATES. Geological Survey. Mineral commodity sumaries 2025. Reston, VA: U.S. Geological Survey, 2025. Disponível em: https://pubs.usgs.gov/publication/mcs2025. Acesso em: 16 out. 2025.

VESENTINI, José Willian. **Novas geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2012.

Eguimar Felício Chaveiro

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás e Graduação em Geografia pela Pontíficia Universidade Católica de Goiás. Atualmente é Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO-UFG e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira".
Avenida Ravena, n. 400, q 12 apt 103, bloco 3, CondomínioÁgua Marinha.
Residencial eldorado, CEP: 74 367 633, Goiânia -Goiás.
E-mail: eguimar@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8608-2278

John Carlos Alves Ribeiro

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJ, Mestre em Geografia pela UFG (2009) e Graduado em Geografia pela UFG (2006). Atualmente é Professor Titular do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do IFG, membro do Grupo de Estudos Espaço Sujeito e Existência – "Dona Alzira".
Rua Penido Burnier, sn., Parque Industrial, Apt. 301, Bl. 2, Terra Mundi Santos Dumont. CEP: 74463-090.
E-mail: john.ribeiro@ifg.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9299-6831

Ronan Eustáquio Borges

Doutor em Geografia UNESP-Rio Claro (2006), mestre em Geografia UNESP-Presidente Prudente (2000) e graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1996). Atualmente é prof. Titular da UFG- IESA e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO-UFG.
End. UFG-IESA- Sala B-13 - Campus II - Rua Jacarandá, S/N. CEP: 74.690-900
E-mail: ronanborges@ufg.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2080-5060

Recebido para publicação em outubro de 2025
Aprovado para publicação em fevereiro de 2026.